



ARTIGO - ARTICLE

O movimento dos ideólogos e o projeto de *Elementos de Ideologia* de Destutt de Tracy: uma introdução¹

Marta Nunes da Costa

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

nunesdacosta77@gmail.com

Resumo: O movimento dos ideólogos tem sido negligenciado dentro da história da filosofia. Este artigo visa colmatar, mesmo que parcialmente, esta lacuna. Para isso, no primeiro momento, oferecemos uma contextualização do movimento dos ideólogos e de sua relação com o enciclopedismo e os *philosophes*. No segundo momento, voltamo-nos para a primeira geração de ideólogos, estabelecendo o pano de fundo das discussões da época revolucionária. No terceiro momento, apontamos algumas das ideias centrais presentes na obra *Elementos de Ideologia* de Destutt de Tracy. Terminamos com uma reflexão acerca da importância de resgatar os princípios e o método de *bem pensar* presentes na obra de Tracy para os dias de hoje.

Palavras-chave: Destutt de Tracy; ideologia; republicanism.

The ideologue movement and the project of Elements of Ideology by Destutt de Tracy: an introduction

Abstract: The ideologue movement has been neglected within the history of philosophy. This article aims to fill, even if partially, this gap. To this end, firstly, we offer a contextualization of the ideologue movement and its relationship with encyclopedism and the philosophes. Secondly, we turn to the first generation of ideologues, establishing the background of the discussions of the revolutionary era. Thirdly, we point out some of the central ideas present in Destutt de Tracy's work, *Elements of Ideology*. We conclude with a reflection on the importance of recovering the principles and method of good thinking present in Tracy's work for today.

Keywords: Destutt de Tracy; ideology; republicanism.

¹ Este artigo é fruto de pesquisa vinculado ao projeto "Ideologias em Guerra", com bolsa de produtividade do CNPq (processo 303890/2024-0)

1. Introdução: compreendendo o contexto do movimento dos ideólogos

O movimento dos ideólogos não é apenas um momento na história das ideias, nem uma exemplificação do combate político no contexto revolucionário, com implicações no modo como compreendemos a história e a maioria das ciências humanas. O movimento dos ideólogos é a principal inspiração do republicanismo contemporâneo, articulando, por um lado, os fundamentos reais (e fictícios) na construção do Estado-Nação (sobretudo por meio das políticas que incidem na adoção e universalização da língua francesa) e, por outro lado, as condições materiais de transformação e progresso humanos visando a igualdade entre nações e a igualdade dentro da própria pátria². Neste contexto, o movimento dos ideólogos é indissociável do processo de *imaginar e construir a República*. Isso obriga a pensar de novo a relação entre teoria, prática e invenção de instituições de Estado, além do desafio evidente de criar novos hábitos e costumes, adequados também ao novo espírito e projeto republicano.

O movimento dos ideólogos convergiu, necessariamente, no projeto de educação mais amplo, que viria a reconfigurar, na sua totalidade, as estruturas científicas, políticas e culturais da França do século XIX. Apesar da importância inegável deste movimento, o estudo deste período e dos autores a ele vinculados ficou nas margens das discussões acadêmicas. Como bem mostrou André Tiran, "Dans les différentes études qui ont été conduites on a perdu de vue l'unité, la problématique d'ensemble du mouvement des idéologues. Ce n'est donc pas un hasard si, pour ces savants saisis par la politique, au moment précis où tout bascule, où l'on croit tout possible, tout leur système s'organise autour d'une conception toute nouvelle de la politique à partir de la connaissance." (2020, 4)

Com efeito, os autores que trabalham este período histórico geralmente perdem de vista a *unidade*, o todo, a visão de conjunto, os pressupostos partilhados pelos ideólogos, que era exatamente o que lhes permitia ter clareza quanto aos meios e fins da política - indissociáveis da clareza acerca das condições de possibilidade do conhecimento, assim como do aperfeiçoamento das virtudes

² Referência a Condorcet, influência direta no movimento dos ideólogos. Ver PICAUVET, Fr. *Les Idéologues - Essai sur l'histoire des idées et des théories scientifiques, philosophiques, religieuses, etc en France depuis 1789*. 1891, 113-114.

morais. Dito por outras palavras, a concepção política republicana dos ideólogos repousa numa concepção antropológica, numa teoria do conhecimento e numa concepção pedagógica, que em última análise oferece uma compreensão profunda das relações do sujeito consigo mesmo, do sujeito com o mundo e do sujeito com os outros. A promessa da República converge na esperança da criação das condições de possibilidade do conhecimento para o maior número de cidadãos, através do projeto de reestruturação das instituições de ensino.

No coração da concepção dos ideólogos está “a liberdade do sujeito, liberdade prática e não apenas livre arbítrio, de origem transcendente.” (TIRAN, 2020, 4). Este período histórico, que em sentido lato podemos compreender como abrangendo os anos de 1789 à Monarquia de Julho (1830-1848) reflete o compromisso de pensadores com áreas de atuação distintas em contribuir com a reconstrução da sociedade francesa³. Curiosamente, estes pensadores - Garat, Cabanis, Destutt de Tracy, entre outros — têm sido sistematicamente apagados da história e do estudo da Revolução, "de sorte que, y compris dans des manuels récents sur la culture du XVIIIe siècle, la fin de la période des Lumières est toujours placée en coïncidence avec la fin de la génération des philosophes de l'Encyclopédie." (TIRAN, 2020, 5). Como explicar essa tendência acadêmica de sobrepor os ideólogos ao movimento dos *philosophes* e da *Encyclopédie*? Quem o faz, parece querer sugerir que não existem diferenças de *fundo* entre os movimentos; ou que os movimentos estão tão entrelaçados que não podem ser analiticamente distinguidos. Porém, isso não é o caso, e queremos apontar essa diferença.

Os *philosophes* e o projeto da *Encyclopédie* oferecem apenas um retrato parcial e não exaustivo da época e da efervescência das ideias que moldavam a criação e o futuro das instituições republicanas em França. Embora seja verdade que os ideólogos tinham como sua base e ponto de partida o Enciclopedismo⁴ e eram, tais como os *philosophes*, filhos do Iluminismo, os ideólogos tinham como mestre Condorcet, que tentava dar continuidade ao projeto da *Encyclopédie* com *La Décade*

³ Cada ideólogo tinha a sua especialidade: Cabanis era médico, Volney era viajante, historiador e geógrafo; Destutt de Tracy era filósofo, político e economista; Daunou era historiador e arquivista e Say era jornalista e economista.

⁴ " L'encyclopédisme est, d'une certaine manière, à la base de l' "idéologie". (TIRAN, 2020, p.6).

*philosophique, littéraire et politique*⁵. Condorcet aplicava a matemática às ciências morais e políticas e tinha uma visão clara acerca do progresso do espírito humano, fazendo a ponte entre os *philosophes* e os ideólogos.

Porém, é o movimento dos ideólogos, mais do que nenhum outro, que consegue explicar o impulso fundamental do fim da Revolução e do período napoleônico no plano cultural e filosófico até a Restauração. É o movimento dos ideólogos que consegue captar a *interdependência* do plano cultural, político e científico, demonstrando com transparência seus pressupostos metafísicos ou, melhor, seus critérios de redefinição da metafísica⁶.

A obra de François Picavet, intitulada *Les Idéologues - Essai sur l'histoire des idées et des théories scientifiques, philosophiques, religieuses, etc en France depuis 1789* e publicada

⁵ *La Décade* foi fundada a 29 de abril de 1794, em pleno auge do Terror; o jornal é publicado até início de 1807, já sob o Império, quando Napoleão ordena seu cancelamento. O jornal cumpria a tarefa de ser uma publicação regular e importante, dedicada à instrução pública. Representava o espírito da liberdade, a difusão dos valores republicanos e a vontade de instrução do espírito público. Defendiam a liberdade econômica, o desenvolvimento do capitalismo e do progresso, a aposta nas novas tecnologias e no desenvolvimento científico. Diz Tian: “Le contenu du journal La Décade montre comment un nouveau discours sur le social, associant économie et mœurs, sur la base d’une conception de l’intérêt, de l’utilité publique comme fondement essentiel du libéralisme économique et politique aura contribué efficacement à la création d’institutions républicaines et aux mutations politiques, économiques et institutionnelles de la France du XIXe siècle.”(2020, p.30)

⁶ Nesta questão acerca da concepção de metafísica dominante na época, encontramos, por um lado, a tradição alemã representada por Kant; e a tradição dos ideólogos em França, representada por Destutt de Tracy. Para o primeiro, a metafísica precisava ser redefinida a partir da *Crítica da Razão Pura*. Uma vez constatando que a filosofia havia sido conduzida a paradoxos da razão, isto é, a aceitar teses contraditórias entre si, Kant decide levar a razão a tribunal, no sentido de distinguir, analisar e explicitar as faculdades da razão e seu domínio específico. Com esta tarefa em mente, Kant apresenta uma arquitetura da razão pura (isto é, independente da experiência) e delimita a metafísica àquilo que pode ser dado numa experiência possível - a filosofia transcendental. A análise das faculdades da razão conduz, em Kant, a uma dicotomia entre o que é possível conhecer e o que é possível pensar; entre o conceito e a ideia, entre o fenômeno e o nùmeno. Para Destutt de Tracy, essa tentativa Kantiana contribuiu para a manutenção dos erros dos sistemas filosóficos, embora sua pretensão fosse exatamente o oposto. Tracy considera que a tarefa de responder à questão “o que posso conhecer?” só pode partir da experiência e da observação da experiência, mas que, em última análise, pensar e sentir são a mesma coisa. O projeto de Tracy visa o estabelecimento da ciência das ideias, mãe de todas as ciências, pois todo o conhecimento específico depende, primeiramente, da consciência e clareza acerca de seus fundamentos: a sensação, o juízo e a ação. A partir do momento em que se compreende a interdependência destes elementos - e consequentemente, a interdependência entre ideologia propriamente dita, gramática e lógica - é possível reconhecer os erros e retificar o caminho da razão de acordo com a busca da verdade.

em 1891, é de uma importância sem precedentes, pois o autor reconstrói todo o percurso do movimento dos ideólogos, caracterizando cada um de seus autores e iluminando, para o leitor atento, um período histórico que à primeira vista parece caótico e quase incompreensível. Mesmo que lhe possam ser feitas críticas, aliando a leitura de Picavet à leitura de Sergio Moravia, Georges Gusdorf e sobretudo Emmett Kennedy, é possível compreender com maior honestidade intelectual e exatidão documental o enorme desafio da construção da República e o modo como a ciência, a educação e a política se tornam partes de um único projeto⁷. Pensar o cidadão do futuro - o *francês*, republicano - exige criar um novo imaginário coletivo, com intencionalidade e propósito; exige também recalibrar as forças institucionais e construir novos atores políticos *e públicos*, como o Povo, e repensar a relação *representativa* a partir do emprego de novas tecnologias de opinião pública, reforçadas pela tarefa de uniformização da linguagem⁸.

Os ideólogos definiam-se pela consciência da articulação entre as ciências e a filosofia. Sua grande questão era a *origem* das ideias, o que conduziu a pesquisas experimentais sobre o ser humano e o seu organismo psicofisiológico⁹. Os ideólogos, neste sentido, eram conduzidos por um espírito interdisciplinar. Eles

⁷ "C'est la question de l'hégémonie culturelle, au sens d'Antonio Gramsci, qui est ici en acte comme construction indispensable à la stabilisation de la République. Car les idées anciennes, les livres, l'école, les journaux formant l'opinion publique étaient tous entre les mains de l'Église, soutien indispensable à la domination de la monarchie." (TIRAN, 2020, p.5).

⁸ Uma questão importante mas que nos levaria para fora do âmbito do nosso artigo diz respeito à criação de uma nova política linguística no período da Revolução Francesa, e que consistia na redefinição da língua e seu uso, assim como na uniformização no território nacional. Para mais detalhes ver o artigo de Henry Boyer "L'unilinguisme français contre le changement sociolinguistique", em *Travaux neuchâtelois de linguistique*, 2001, 34/35, 383-392. Neste artigo o autor afirma: "Si ce processus d'unification linguistique a tendu à promouvoir durant l'Ancien Régime la langue du Roi comme unique langue administrative de l'État monarchique, il a imposé à partir de la Révolution la langue française comme seule langue *nationale*. (...) C'est bien la Révolution française qui est le moment-clé de la *légitimation* d'une unification linguistique en faveur du français (Schlieben-Lange, 1996), même si l'ambition de certains révolutionnaires en la matière ne se concrétisera qu'un siècle plus tard avec la mise en œuvre par la Troisième République d'une politique de francisation conduite par l'École publique gratuite, obligatoire et laïque." (2001, 384)

⁹ "P.-J.-G. Cabanis (1757-1808) médecin, ami de Turgot, beau-frère de Condorcet, est surtout connu pour ses *Rapports sur le physique et le moral de l'homme* (1796-1802), qui, à partir d'observations anatomiques, physiologiques et cliniques, analyse les pensées et les sensations. Matérialiste, Cabanis répond à plusieurs reprises que l'étude des causes premières relève d'une mauvaise métaphysique. En matière scientifique, sa règle est l'agnosticisme." (TIRAN, 2020, p.7).

refletiam acerca da relação da teoria com a prática, da importância da construção do conhecimento e sua divulgação, do papel dos signos para o desenvolvimento das ciências, entre tantos outros aspectos. Cientistas de várias áreas, todos eles estavam imbricados na teia política revolucionária, e o trabalho intelectual de cada um tinha laços com esta, movidos pelo objetivo comum de determinar os melhores meios para conduzir à regeneração da sociedade francesa.

As ciências, para os ideólogos, eram tidas como instrumentos para compreender e agir sobre a natureza e sobre eles próprios, enquanto seres humanos. Inclonavam-se para o materialismo, na medida em que, na tentativa de esclarecer a relação entre teoria e prática, procuravam igualmente enfatizar o papel das sensações e eliminar qualquer apelo a uma ordem ou princípios transcendentais. Em última análise, o pressuposto materialista permitia cumprir duas tarefas: por um lado, explicar o fundamento e origem de cada ciência; por outro lado, identificar a interdependência das ciências a partir da partilha dos mesmos princípios materiais. A aceitação deste pressuposto metodológico culminaria na transformação absoluta dos princípios morais e políticos, contribuindo para a dissolução dos princípios do Antigo Regime¹⁰.

2. Condorcet, Condillac e Garat: a primeira geração de ideólogos

De acordo com Picavet, identificamos três gerações de ideólogos. A primeira, que inclui figuras como Condillac e Garat, embora Condorcet tenha um papel importante no desenho geral do novo imaginário filosófico e político; a segunda, que inclui Destutt de Tracy e Cabanis, e a terceira que inclui Degérando. Quero, nesta seção, clarificar duas coisas: por um lado, o plano de imanência onde os conceitos dos ideólogos surgem e que permite, igualmente, clarificar as relações

¹⁰ “C’est pour toutes ces raisons qu’ils suscitérent, à partir des premières années du XIXe siècle, les réactions les plus hostiles de la part des catholiques, des réactionnaires, des spiritualistes et des romantiques, dont on oublie facilement aujourd’hui que le conflit fut extrêmement violent et que l’Église Catholique fut le premier et permanent soutien de la monarchie absolutiste.”(TIRAN, 2020, p.9). Percebe-se do exposto até aqui que os ideólogos confrontariam, naturalmente, oposição, vinda de várias direções: por um lado, oposição de alguns jacobinos, como é o caso de Robespierre, que os considerava “homens pequenos e vãos” (em TIRAN, 2020, p.21) e que se queria distanciar desse projeto universal de conhecimento; por outro lado, oposição de todos aqueles que apelavam a causas primeiras, teológicas e/ou transcendentais ou espirituais. Combater os ideólogos era, acima de tudo, combater o materialismo que eles representavam.

entre eles; por outro lado, a relação entre a definição de ideologia proposta por Tracy como “ciência das ideias”, com seus pressupostos metafísicos (ou ideológicos, no sentido político) e com suas implicações morais e políticas.

Condorcet, nascido a 1743, discípulo de Voltaire e aliado dos enciclopedistas, opunha-se às instituições sociais e religiosas da época. De acordo com Picavet, Condorcet resumiu todas as doutrinas filosóficas, tendo encontrado em Descartes o método verdadeiro para fazer filosofia. Acreditava que o erro e a ignorância corrompiam as fontes da razão e eram obstáculos ao progresso. A defesa da perfectibilidade humana encontrava em Condorcet seu defensor mais feroz, considerando a instrução pública como meio fundamental de transformação social. Com efeito, Condorcet acreditava que o futuro da espécie humana dependia de três coisas: da destruição da desigualdade entre nações, do progresso da igualdade dentro de um povo, e do aperfeiçoamento real do homem¹¹. (PICA VET, 1891, 113-114) Para Condorcet, a instrução deve abarcar todas as ciências, assegurar aos homens de todas as idades a facilidade de conservar os seus conhecimentos e ampliá-los (PICA VET, 1891, 110) e deve ser gratuita para diminuir a desigualdade da riqueza¹².

Étienne Bonnot, Abade de Condillac, nasceu em 1714 em Grenoble. Publicou duas obras principais: *Ensaio sobre a Origem do Entendimento Humano* (1746) e *Tratado das Sensações* (1754), nas quais expõe sua posição acerca do papel da experiência no desenvolvimento de nossas capacidades cognitivas. Esta segunda obra se tornará de referência para os pensadores seguintes, fornecendo uma nova

¹¹ Para Condorcet a desigualdade tem três causas principais: desigualdade das riquezas, desigualdade na distribuição dos meios de subsistência; desigualdade de instrução. Estas três desigualdades irão diminuir progressivamente, graças às escolhas conscientes dos métodos e conhecimentos adotados, para instrução de um povo.

¹² Deve incluir escolas primárias e secundárias, institutos e liceus, uma sociedade nacional das ciências e das artes. Condorcet defendia a existência de escolas primárias em todas as vilas; escolas secundárias em todos os distritos e vilas maiores. Contemplando o ensino da escrita e da aritmética, elementos da moral, história natural e economia política, princípios do direito natural, da constituição das leis, da cultura e das artes (PICA VET, 1891, p.111), todas as ciências devem ser ensinadas para formar sábios e professores. Nos liceus temos o ensino das matemáticas e físicas; ciências morais e políticas, incluindo aqui a análise das sensações e das ideias, moral e direito natural; temos também a medicina. Lakanal propõe em 18 de novembro de 1794, na convenção, o estabelecimento de 24 mil escolas primárias; depois em 25 de fevereiro de 1796 as escolas centrais. A 30 de março de 1795 ele provoca a fundação da Escola da línguas orientais e apoiou o Instituto. (PICA VET, 1891, p.126).

base para pensar a ciência. Condillac é conhecido pelo sensualismo, ou seja, pela recusa de ideias inatas ou formas *a priori*, ou ainda, pela recusa da distinção entre alma e intelecto, indo portanto ainda mais além do que o próprio Locke. Condillac exemplifica esse movimento consciente de dessacralização, por um lado, e de naturalização do pensamento, por outro (no sentido de regressar à natureza enquanto espaço de sensações). Neste sentido, Condillac determina a tônica à qual os ideólogos irão aderir: a tônica do *materialismo*, que considera que todo o conhecimento remete a um fundamento material.

Este impulso materialista não pode ser dissociado do movimento dos enciclopedistas e dos *philosophes*, como mencionado acima. O projeto *comum* do Iluminismo era eliminar os dogmas e trazer à luz os princípios realmente constitutivos da realidade e do conhecimento que dela possamos ter. Não só isso, mas também, e como sua consequência, o projeto de ampliar o espaço da filosofia e da ciência e sua divulgação. Este espírito da época culmina na própria Revolução. Diz Tian que "La Révolution a commencé lorsque les Lumières des philosophes sont devenues celles des législateurs; la Révolution ne sera accomplie que lorsque les Lumières des législateurs deviendront celles du peuple"¹³. Tel est le projet des idéologues. Il s'agit d'élaborer une "*science sociale du bonheur*" (...)" (2020, 17, meu *itálico*).

Os ideólogos desde a primeira geração estavam convencidos de que existia apenas uma forma de *bem pensar* e que era este o fim *desejável* da Revolução: fazer com que todos os cidadãos aprendessem a bem pensar, pois isso os conduziria inevitavelmente a uma leitura correta da realidade e assim, a uma compreensão de seus interesses e felicidade. Daí que o seu projeto não fosse apenas o de analisar a origem das ideias, mas sim estabelecer uma "ciência social da felicidade". A real transformação política, a inauguração de uma nova ordem e de um novo tempo, requer a criação consciente de um novo homem: movido por ideias verdadeiras e capaz de construir e manter instituições comprometidas com a razão prática¹⁴.

¹³ Robert Damien, «Les idéologues ou le démon des Lumières (1789-1830)», *Médium* 11, nº 2 (2007): 154-167. Em Tiran, 2020, p.17

¹⁴ Disto não se deve concluir que os ideólogos quisessem o aprofundamento da Revolução; pelo contrário, eles apostavam na consolidação e reforma das instituições, de modo a, uma vez eliminados os privilégios e abolida a ordem de classes, conseguissem desenvolver órgãos representativos capazes de articular a reforma judicial, administrativa e financeira. A paz e estabilidade deveriam ser restabelecidas e

Estamos diante do projeto do novo republicanismo, mostrando assim que o projeto político republicano assenta e depende da conscientização dos princípios epistemológicos. A ideologia, ciência das ideias, será por isso, a mãe de todas as ciências.

3. Destutt de Tracy e a ciência das ideias

Antoine Destutt de Tracy, nascido a 20 de Julho de 1754, envereda pela mesma carreira que seu pai, a carreira militar. Em 1771 é nomeado tenente na Cavalaria Real em Estrasburgo. Aí, frequenta cursos da universidade e começa a ler os *philosophes* e os economistas da época. Em 1774 é nomeado conselheiro da Embaixada em Turim e dois anos mais tarde, com a morte de seu avô, torna-se herdeiro de terras no Bourbonnais, o que lhe permite viver de sua renda. Casa-se em 1779 com Louise Durfort de Civrac e em 1789 Tracy já tinha a posição de Coronel, embora fosse simpatizante dos nobres “liberais”. No contexto do aprofundamento da Revolução, Tracy foi eleito deputado pela nobreza nos Estados Gerais. Aprovou os decretos de 4 de agosto, assim como a Declaração dos Direitos do Homem. Nesse mesmo ano aderiu à Sociedade de 1789, constituída por vários “futuros ideólogos”, como Garat e Cabanis. Permaneceu em França nos anos de 1791-2, dedicando-se ao estudo da natureza. Em 1793 foi preso por suspeita de conspiração e com a queda de Robespierre, em Outubro de 1794, foi libertado.

mantidas, pelo compromisso com uma construção política racional, em que o papel da educação se tornaria fundamental para orientar e formar os novos cidadãos. A atitude dos ideólogos diante da Revolução demarca-se claramente daquela de Robespierre, para quem a Revolução adquirira uma função e existência quase religiosa e irracional. Afirma Condorcet: "C'est que la Révolution Française est une religion, et que Robespierre y fait une secte : c'est un prêtre qui a des dévots. Robespierre prêche, Robespierre censure, il est furieux, grave, mélancolique, exalté à froid, suivi dans ses pensées et dans sa conduite ; il tonne contre les riches et les grands, il vit de peu et ne connaît pas les besoins physiques ; il n'a qu'une seule mission, c'est de parler, et il parle presque toujours ; il crée des disciples, il a des gardes pour sa personne ; [...] il a tous les caractères, non pas d'un chef de religion, mais d'un chef de secte; il s'est fait une réputation d'austérité qui vise à la sainteté, il monte sur des bancs, il parle de Dieu et de la providence, il se dit l'ami des pauvres et des faibles [...] Robespierre est un prêtre, et ne sera jamais que cela." Em Jaurès, Jean. *Histoire socialiste*. Paris : Rouff, 1901-1902, 3 : 257.

3.1. Sobre a Escola Normal, as Escolas Centrais e o Instituto

Precisamos fazer um parêntesis e mencionar a estratégia de trazer a nova República a bom termo, diante de um cenário de convulsão social. Várias tarefas precisavam ser cumpridas: a tarefa de criação de um novo imaginário político com apelo a novos conceitos (como Povo, Nação e República), a tarefa da recriação de instituições de ensino (com a Escola Normal, Escolas Centrais e o Instituto Nacional) e a tarefa da reconstrução do imaginário social e cultural. Ora, é a segunda tarefa que faz a ponte entre a primeira - tarefa política - e terceira - tarefa cultural.

A criação da nova República dependia de redefinir as estruturas de ensino antigas e desenhar um novo modelo, capaz de responder aos anseios de inclusão social e igualitarismo (no sentido do acesso do maior número de cidadãos aos conhecimentos), orientado por um compromisso com a racionalidade, o progresso e o esclarecimento humanos, assim como com a superação do poder e influência eclesiásticas no ensino e cultura. As escolas do futuro, ou como Garat dizia, “a primeira escola no mundo” (WARMAN, 2020, 241), tinham como missão “formar um grande número de instrutores capazes de serem os executores de um plano que tem por finalidade a *regeneração do entendimento humano.*” (PICAVET, 1891, 32, meu itálico). O objetivo primeiro era aprender “a arte de ensinar” as várias ciências; cada mestre na sua respectiva área seria o mestre da escola do povo” (idem). Neste sentido, desenha-se um projeto a vários níveis: a criação da Escola Normal, que tinha como intuito formar professores que, por sua vez, seriam enviados aos vários departamentos para ensinar as diferentes matérias; a criação das Escolas Centrais, que focavam no ensino secundário e substituíam os antigos Colégios, partindo de uma matriz científica e secular; a criação do Instituto, que focava no aprofundamento científico e intelectual de todas as áreas de conhecimento.

Olhemos para a Escola Normal (*École Normale*). A ideia era que esta fosse uma academia para treinar professores; sua inspiração encontra-se no modelo militar alemão, que havia dado provas de grande sucesso. O projeto consistia em trazer estudantes/cidadãos de todas as partes da nação à *École des armes et des poudres* e ensiná-los a produzir e manejar as armas, fazer balas e, uma vez retornando às suas cidades, assumir a responsabilidade pelo governo local e pela produção militar. A proposta funcionou, não só pela melhoria técnica/militar, mas também pelo

reforço e crescimento do fervor republicano¹⁵. Este projeto saiu finalmente do papel depois de Robert Lindet se dirigir à nação em nome do Comitê de Saúde Pública (20 de setembro de 1794), momento em que Lindet enfatiza a importância de esclarecer o público e alinhá-lo à Revolução. (WARMAN, 2020, 236) A resposta à Convenção Nacional foi a criação do Comitê de Instrução Pública, que deveria produzir um relatório em vinte dias de modo a acelerar este processo¹⁶.

Dominique-Joseph Garat, jornalista e intelectual, contemporâneo e amigo de Diderot, Destutt de Tracy, Cabanis, entre tantos outros, frequentador do salão em Auteuil de Mme Helvétius, escreveu o primeiro relatório que viria a tornar-se a base da *École Normale*¹⁷, tendo sido aprovado pelo ministro Joseph Lakanal a 30 de outubro de 1794. A partir desta data, orienta-se que um cidadão a cada vinte mil deva ser enviado a Paris no final de dezembro do mesmo ano. Cada futuro aluno da *École Normale* teria suas despesas pagas. Especula-se que entre 1500 a 1600 alunos chegaram a Paris nesta época. Diz Caroline Warman

The subjects taught were to be Maths, Geometry, Chemistry, Physics, Natural History, Agriculture, Literature, The Analysis of the [human] Understanding, Morals, The Art of Speaking, Geography, and Political Economics. The idea was that each lesson would be followed at a distance of a few days by a debate; in the lesson the professor alone would speak, but in the debate, the pupils would be allowed to intervene. The lecturers were not allowed to read out their work but had to speak it, supposedly improvising. Stenographers would take down what was said, and present proofs of the lessons to the lecturers three days later, which the lecturers would have three hours to correct, and which would then be printed and distributed to the students, who would be able to use them to prepare for the debates. (2020, 237)

¹⁵ De acordo com o decreto de convocação, publicado em 14 pluviôse an II (2 de fevereiro de 1794), cada distrito deveria enviar dois cidadãos entre os 25 e 30 anos para que ao longo de trinta dias (três “décadas”), tivessem aulas e, uma vez terminada a formação, voltassem para seus respectivos locais, depois de uma grande “festa cívica”.

¹⁶ Diz Bertrand Barère que “La Convention nationale, voulant accélérer l’époque où elle pourra faire répandre dans toute la République l’instruction d’une manière uniforme, charge son Comité d’instruction publique de lui présenter, dans deux décades, un projet d’écoles normales [...]” Em WARMAN, 2020, 236.

¹⁷ Os textos base tiveram como ponto de partida seus ensaios e aulas sobre a *Análise do Entendimento*. De acordo com Warman, Garat não era a pessoa inicialmente escolhida para a tarefa, mas sim o filósofo suíço Charles Bonnet que, em 1760, havia escrito *Essai analytique sur les facultés de l’âme*. Porém, Bonnet não conseguiu assumir a posição, pois morreu em maio de 1793.

A autora explica logo de seguida que infelizmente este modelo encontrou dificuldades, já que os alunos não tiveram acesso às provas e correção dos debates, e pouco depois, a 20 de março de 1795, os debates deixaram de acontecer. Em 19 de maio de 1795 a *École Normale* é fechada com a maioria das lições ainda incompleta¹⁸.

De todo o modo, as lições de Garat sobre o entendimento humano dão-se neste contexto. Garat era responsável pelo curso sobre "análise do entendimento". Nas suas palavras, "il n'y a qu'une seule manière de bien penser" e é a fundação "de tout ce qu'il y a de plus grand et de plus réel dans les espérances conçues pour le perfectionnement de l'esprit humain et pour l'amélioration universelle des destinées humaines" (WARMAN, 2020, 241).

Garat partilhava a convicção de que existe apenas um meio de conhecer, que uma vez identificadas as origens do conhecimento, nomeadamente as sensações, e de compreendermos o passagem de sensações simples a concepções complexas, todos estariam em pé de igualdade de acesso ao conhecimento, cumprindo a finalidade republicana¹⁹. Assim, o seu programa consistia em ensinar a teoria do conhecimento baseada nas sensações, aprofundando a tradição iniciada por Bacon, Locke e Condillac, mas presente desde os Antigos (com os epicuristas e Aristóteles, por exemplo).

Não entrarei aqui nos detalhes da exposição de Garat, nem das influências diretas de Condillac e suas críticas eventuais; quero apenas apontar que Garat, como ideólogo de segunda geração e colega de Destutt de Tracy, partilha deste imaginário científico que converge no imaginário cultural e político.

¹⁸ Encontramos inúmeros obstáculos à atualização da proposta da Escola Normal: as lições não estavam completas, os alunos não tinham o devido retorno, professores atrasaram-se na entrega de materiais, entre outros. Além disso, levantaram-se críticas diante do teor das lições - muitos diziam que tinha demasiado teor público, resultando em queixas de ateísmo e materialismo, por exemplo, presentes nas lições de Garat. Isto inclusive fez com que a Escola Normal, que inicialmente havia sido uma iniciativa jacobina antes da queda de Robespierre, ficasse sob suspeita.

¹⁹ Resumidamente, Garat defendia nas suas lições que para compreender o pensamento era necessário compreender a sensação. Como diz o autor "Tout ce que fait l'homme, tout ce qu'il veut, et même, à beaucoup d'égards, tout ce qu'il peut, dépend, en dernière analyse, de la manière dont il sent les choses, dont il les voit, dont il en raisonne, dont il les *entend*, en quelque sorte." Em Warman, 2020, 243.

Cinco meses depois do fechamento da *École Normale*, foi fundado o Instituto Nacional, a 25 de Outubro de 1795²⁰. É neste contexto que Cabanis, Destutt de Tracy e Garat são convidados para se tornarem membros do Instituto Nacional, sendo responsáveis pela "Seção Análise das Ideias". Cabanis e Destutt de Tracy publicaram inúmeros textos, fruto das suas palestras no Instituto, e compiladas nas *Mémoires de l'Institut*, até que, em 1803, Napoleão proibiu a sua publicação.

No dia 21 de abril de 1796, Tracy lê diante da classe uma “memória sobre a faculdade de pensar”, fazendo referência à "ciência da formação das ideias" e dando-lhe o nome de *ideologia*. Este texto foi publicado nas *Mémoires de l'Institut*, às quais ele adicionou a *Dissertation sur quelques questions d'idéologie*, versão mais completa do *Projet d'éléments d'idéologie à l'usage des écoles centrales de la République française* (1801), depois a *Idéologie proprement dite* (1804), que consistia no primeiro volume de *Éléments d'Idéologie*. Este texto viria a ser republicado como parte de um conjunto de quatro volumes, publicado em 1815 e 1824²¹.

A visão de Tracy sobre esta nova ciência ia além do sensualismo de Condillac, do materialismo dos antigos (como Epicuro e Demócrito) e das intuições de Locke. Para Tracy, a ideologia representava a unificação de todas as ciências e deveria substituir a antiga metafísica e psicologia. É sobre a proposta da leitura de ideologia que nos iremos voltar na próxima seção.

3.2. *Elementos de Ideologia* - o novo manual de ensino para os jovens

Para o nosso propósito, irei recorrer a *Elementos de Ideologia*, publicado em 1804 e 1817, onde o texto de Tracy está sistematizado.

Dissemos, anteriormente, que Condillac é o ponto de partida para os ideólogos. Como Tracy aponta, o maior problema de Condillac é que ele não sistematizara seu próprio pensamento. Por isso, o texto de Tracy visa não só colmatar essa falha e oferecer uma leitura sistematizada da fundação das ciências - o que significa buscar e esclarecer a *origem das ideias* - como também oferecer um

²⁰ As academias já existentes passaram por transformações: a Académie Française (1635), a Académie des Inscriptions et Belles-Lettres (1663) e a Académie des Sciences (1666). A Académie des Sciences Morales et Politiques seria criada nesse mesmo ano e a Académie des Beaux-Arts seria fundada mais tarde, em 1816.

²¹ Ver Warman, 2020, 273

método para aprender a bem pensar, de modo que qualquer pessoa (e sobretudo os jovens) possa interiorizar e tornar-se autônoma no processo de conhecimento (de si e do mundo).

Logo no início da obra Tracy afirma que a ideologia é uma parte da zoologia, pois para conhecer o homem enquanto animal, precisamos compreender suas faculdades intelectuais. Para realizar esta tarefa e descobrir a verdade, precisamos primeiro “limpar o terreno” do pensamento; eliminar as opiniões consolidadas e suspender os dogmas. O seu tratado está perfeitamente alinhado ao projeto republicano. Afirma Tracy

Eu tinha ainda outro motivo quando comecei a escrever este pequeno Tratado. Vi que os autores da lei de 3 de Brumário, que restauraram a educação pública na França assim que lhe deram uma constituição, haviam estabelecido uma cadeira de gramática geral em cada escola central: *entendi por isso que eles sentiam que todas as línguas têm regras comuns que derivam da natureza de nossas faculdades intelectuais e das quais fluem os princípios do raciocínio; que eles pensavam que era necessário considerar essas regras sob a triplíce relação da formação da expressão e da dedução das ideias, para verdadeiramente compreender o progresso da inteligência humana, e que esse conhecimento não é apenas necessário para o estudo das línguas, mas também é a única base sólida das ciências morais e políticas das quais eles corretamente queriam que todos os cidadãos tivessem ideias sólidas, senão profundas; que, conseqüentemente, sua intenção era que, sob esse nome de gramática geral, um curso de ideologia, gramática e lógica fosse realmente ministrado, o qual, ensinando a filosofia da linguagem, serviria como uma introdução ao curso da moralidade privada e pública.* Mas a lei não podia e não devia entrar nesses detalhes. Os regulamentos de implementação não foram elaborados; e eu acreditava que a maioria dos cidadãos não sabia o que se pretendia ensinar aos seus filhos, que muitos professores, eles próprios, não tinham uma ideia completa do ensino que se esperava do seu zelo. Além disso, mesmo quando o viam claramente, não tinham um livro que pudesse servir-lhes constantemente de guia. Portanto, eu acreditava que faria algo útil ao oferecer-lhes um texto para comentar, uma estrutura para preencher; e não acreditava que em breve, pela própria reflexão sobre as suas lições, os cadernos de vários deles se tornariam excelentes tratados, tão úteis para o avanço da ciência quanto para o seu ensino. (Prefácio à edição de 1804 em 1817, 8, meu itálico, minha tradução)

Este parágrafo concentra a convicção de nosso autor. O estudo da origem de nossas ideias, da dedução lógica e da linguagem são interdependentes, de modo que ideologia, gramática e lógica são apenas uma coisa considerada sob diversos

aspectos. A origem e desenvolvimento das ideias se manifesta por regras comuns gramaticais e pelo uso correto da lógica (por exemplo, evitando a contradição). Isto é a base de todas as ciências, compondo o passo mais importante para formar o cidadão nas suas capacidades morais e políticas. *Elementos de Ideologia* é assim um manual que pode e deve ser utilizado por todos os professores (e alunos) e que pode ser aperfeiçoado pela prática. Consciente de que muitos se apegam a ideias falsas, incluindo filósofos que defendem sistemas falsos de ideias (como por exemplo Kant), Tracy afirma: "É para protegê-lo de ambos que eu quero, neste texto, não lhe ensinar, mas fazê-lo perceber tudo o que acontece dentro de você quando pensa, fala e raciocina. Ter ideias, expressá-las, combiná-las são três coisas diferentes, mas intimamente ligadas" (1817, 12, minha tradução).

Elementos de Ideologia oferece um mapa de nossas faculdades e seu uso. A clareza de Tracy permite-nos compreender as razões para a crítica à filosofia kantiana que, na contraparte alemã, iria determinar os encaminhamentos e condições de possibilidade da Filosofia e da Metafísica. Diria inclusive que a exposição de Tracy ilumina as razões pelas quais a tradição alemã está tão distante da tradição francesa e anuncia o impacto e poder das ideias - boas e/ou más - na constituição moral e política dos indivíduos e do povo de cada nação. Ao contrário de Kant que separa fenômeno e númeno, mundo sensível e mundo inteligível, postulando uma esfera para além do conhecimento humano, Tracy determina como seu campo de análise a experiência humana e considera que o erro de Kant reside no modo como o autor concebe a separação das faculdades, por um lado, e a natureza humana, por outro. No que diz respeito às faculdades, Kant distingue sensibilidade, entendimento, razão e imaginação, analisando, na *Crítica da Razão Pura*, as competências de cada uma. Ora, para Kant, a sensibilidade é essencialmente uma faculdade passiva, no sentido de que é responsável pela recepção dos dados sensíveis, atribuindo ao entendimento o papel ativo, de aplicação das categorias (universais) sobre o sensível (particular). Tracy, na linhagem de Bacon, Hobbes, Locke e Condillac considera a sensibilidade a chave para a compreensão de todo o conhecimento. Para Tracy a sensibilidade não é uma faculdade passiva; ela está na base do pensamento, da vontade e das ações, e tem um papel essencialmente ativo, na medida em que confrontado com sensações o sujeito sente o esforço e/ou movimento, o que significa que a sensibilidade não é apenas uma faculdade de recepção de dados sensíveis mas implica uma interação com estes. No que diz

respeito à concepção de natureza humana, em Kant fica claro que encontramos uma leitura dualista desta natureza, na medida em que o sujeito se percebe, simultaneamente, como membro do mundo sensível, empírico, e como membro do reino dos fins, enquanto ser racional, capaz de se auto-determinar pela lei moral. Em Tracy, esse dualismo colapsa a partir do momento em que o autor demonstra a interdependência e equivalência entre *pensar e sentir*. A abordagem de Tracy dá-se a um nível de imanência dos sentidos e do mundo, rejeitando a postulação de qualquer ordem distinta e/ou superior.

Neste sentido, logo na introdução da obra, Tracy enfatiza seu propósito, que é “examinar cuidadosamente o que fazemos quando pensamos e concluir daí o que devemos fazer para pensar corretamente. Lá, os fatos estão dentro de nós, os resultados muito próximos de nós, e tudo é tão claro que teremos dificuldade em compreender como tantas pessoas o confundiram tanto, assumindo o que não está lá e buscando o que não podemos encontrar lá.” (TRACY, 1817, 19, minha tradução) Precisamos começar com o familiar, com as experiências concretas, e dissecar o processo de modo a chegar a definições rigorosas das coisas.

No primeiro capítulo, Tracy começa por perguntar: o que é pensar? Pensar é “perceber uma conexão de concordância ou discordância entre duas ideias, é *sentir uma conexão*.” (1817, 22, minha tradução) Sentir uma conexão não é apenas ser afetado por algo, no sentido da passividade postulada por Kant. Sentir uma conexão exige, por um lado, comparar duas ideias, por outro, constatar e reconhecer sua própria existência. É neste sentido que devemos compreender a afirmação resumida de que *pensar é sentir*. De onde deriva a confusão dos sistemas filosóficos, tais como o sistema kantiano? Do fato de que distinguimos na linguagem sentimento e pensamento; e a distinção das palavras nos faz supor uma diferença na raiz, na origem. Porém, Tracy esclarece que *ideia* significa imagem da coisa, mas isso não significa que a ideia seja uma *representação da coisa* (como Kant defende na *CRP*). Tracy afirma que precisamos retificar o erro que está na base da nossa construção do conhecimento, a saber, que sentir e pensar são coisas distintas. Precisamos reconsiderar tudo aquilo que tomávamos por certo e seguro, aprendendo a observar, refletir e avaliar nossa própria experiência quando sentimos e conhecemos.

A partir daqui, para propósito de exposição e clareza do argumento, Tracy distingue conceitualmente os tipos de sensações e os tipos de faculdades

intelectuais. Por um lado, encontramos sensações, memórias e desejos. Por outro lado, a faculdade de pensar (ou a faculdade de ter percepções) abrange quatro faculdades elementares chamadas sensibilidade, memória, juízo e vontade.

A sensibilidade é a faculdade em virtude da qual recebemos impressões de vários tipos, gerando prazer ou dor (devido ao esforço e/ou movimento). A memória é um segundo tipo de sensibilidade, que “consiste em ser afetado pela recordação de uma impressão sentida” (TRACY, 1817, 38). A faculdade do juízo ou o próprio juízo “é mais um tipo de sensibilidade; pois é a faculdade de perceber as relações entre as nossas percepções.”(1817, 43); é desta faculdade que provém todo o conhecimento. Partimos de sensações e ao compará-las, julgamos, ou dito por outras palavras, a comparação entre elas implica já um juízo²².

Importa ressaltar que essa comparação acontece sempre com duas sensações, não mais²³ e todos os juízos são positivos, afirmativos, na medida em que não é possível perceber o que não existe.

²² Se nós não tivéssemos a faculdade de sentir as relações, seríamos eternamente afetados pelas coisas mas nunca conheceríamos nada. Diz Tracy "Notemos primeiro que essa faculdade é muito necessária para nós; é graças a ela que possuímos tudo o que sabemos; sem ela, a sensibilidade e a memória não nos seriam úteis. Se não tivéssemos a faculdade de sentir relações, desfrutaríamos e sofreríamos eternamente por meio de nossas sensações e memórias, sem nunca estarmos mais avançados do que no primeiro dia; não poderíamos extrair nenhum resultado delas; nunca saberíamos de onde vêm essas sensações, nem como chegam até nós, nem que conexões têm entre si, nem de que maneira se assemelham ou diferem, ou estão conectadas entre si, nem por quais meios podemos obtê-las ou evitá-las; seríamos incapazes de unir duas ideias para formar uma terceira; nem saberíamos se existem corpos e se temos um; em uma palavra, seríamos seres sempre sencientes, mas absoluta e completamente ignorantes de tudo o que nos cerca e de nós mesmos; porque todos os nossos conhecimentos são apenas sensações de relações, de julgamentos.”(1817, 51, minha tradução)

²³ Tracy dá um exemplo: “ Por exemplo, quando digo "o homem que descobre uma verdade é útil a toda a humanidade", estou usando muitas palavras, mas estou expressando apenas um juízo: "o homem que descobre uma verdade" é o sujeito; "é útil a toda a humanidade" é o atributo. No entanto, "o homem" expressa a ideia de um indivíduo, *que(m)*, uma ideia de relação; *descobre*, a ideia de uma ação; *um*, uma ideia de número; *verdade*, a ideia de um produto da nossa inteligência. Aqui estão cinco ideias muito distintas, e cada uma delas é composta de muitas outras; mas juntas elas se tornam uma só; pois não estou falando apenas do homem, ou do homem que descobre, mas do homem que descobre uma verdade: esta é a ideia completa e única, embora muito complexa, com a qual vou comparar outra. O mesmo acontece com o atributo: *é*, expressa a ideia de existência; *útil*, uma ideia de qualidade; *para*, uma ideia de relação; *humanidade*, a ideia de uma coleção de homens; *todos*, uma ideia de qualidade; *inteiro*, outra ideia de qualidade. Isso faz seis ideias, e todas tão compostas quanto a primeira. Mas, tomadas em conjunto, elas ainda formam uma só ideia; pois não julgo o sujeito que apenas é, que existe, ou que é útil, ou que ele é simplesmente útil à humanidade, mas que ele é útil à humanidade como um todo; é somente então que meu significado

A vontade é a faculdade de sentir desejos e o objetivo a ser alcançado é evitar a formação de desejos contraditórios, pois nesse caso alcançar a felicidade seria impossível. O capítulo sobre a vontade lembra ao leitor que o projeto de conhecer é indissociável da metafísica e da moral; conseqüentemente, apenas conhecendo nossas faculdades e nossa natureza será possível *orientar* nossa vontade - através do pronunciamento de juízos justos e verdadeiros, visíveis em *ações no mundo* - e realizar o projeto republicano, onde a liberdade e felicidade individuais convergem na liberdade e felicidade coletivas²⁴.

Na sequência, Tracy expõe o processo de formação das ideias compostas, distinguindo o processo de abstração do de concretização; das propriedades dos corpos e suas relações, demonstrando que só aprendemos a conhecer quando nos deparamos com algo que *resiste* a nós. Na verdade, a consciência e/ou constatação da sensação, a prova de que *sinto algo*, reflete uma resistência anterior de um objeto a mim - não entrarei nos detalhes da argumentação do autor, mas é aqui que Tracy defende a existência do eu e do mundo, escapando ao solipsismo. A mobilidade e inércia aliadas ao impulso, são as três propriedades inseparáveis e correlativas que permitem que sintamos as coisas. Além disso, Tracy mostra ainda que todo o progresso só é possível graças à memória, mas que, além disso, exige o cultivo da mente para identificar os erros, corrigi-los e alinhar-se à verdade.

Percebemos com esta brevíssima identificação dos pontos centrais de *Elementos de Ideologia* que estamos diante de uma nova forma de compreender o que é a ciência, o que é conhecer e como se pode conhecer - vinculando, assim, epistemologia, moral e política. O conhecimento de si mesmo é a condição necessária para a ampliação dos conhecimentos acerca do mundo e para a justificação e fundamentação da escolha *moral e política* de como agir no mundo. Neste sentido, a ideologia, enquanto ciência das ideias, equipara-se à antiga metafísica, fornecendo a base incontornável de todos os conhecimentos humanos.

está completo, e é apenas um fato que afirmo ao pronunciar tantas palavras. Assim, tal como anunciei, esta frase muito longa expressa apenas um julgamento.” (1817, 55-56, minha tradução).

²⁴ Diz Tracy: “Por enquanto, lembre -se apenas de que, tal como sem a faculdade de julgar não saberíamos nada, sem a faculdade de querer não faríamos nada; que nos nossos desejos dirigem nossas ações, e que são a causa de quase todos os nossos prazeres e desgostos; e que, já que eles são a consequência necessária de juízos que pronunciamos sobre as coisas, o único meio de os regular bem é de pronunciar juízos justos e verdadeiros.” (1817, 75, minha tradução).

As implicações morais e políticas não podiam ser mais claras: o compromisso com a verdade *exige* o compromisso consigo mesmo, enquanto atenção ao que fazemos quando agimos e pensamos e declara-se nas propostas políticas e pedagógicas e na visão de mundo que se eleva acima de outras, pela convergência da persuasão com a da luz da razão.

4. Reflexões finais

Resgatar a história da origem do conceito de ideologia cumpre dois papéis fundamentais: em primeiro lugar, obriga-nos a ter consciência histórica, *situada*, dos debates da época e da interseção do *a priori* histórico, contexto social e político, descobertas e invenções científicas e embate de visões de mundo num momento em que França está suspensa entre dois mundos: o Antigo Regime que deveria ser superado com a criação de uma nova ordem e o novo regime que estava ainda em aberto e portanto, que convidava ao confronto de projetos de futuro de França, que poderiam oscilar entre a proposta republicana e a proposta monárquica, variando na sua adesão e equilíbrio entre forças liberais, conservadoras ou reacionárias.

Neste contexto, a reflexão sobre os ideólogos e sobre Destutt de Tracy em particular revela-se mais atual que nunca. Numa época em que tendemos a delegar o raciocínio às novas tecnologias, como inteligência artificial, colocamo-nos na posição passiva de receber o resultado de um processo linguístico, mas incapazes de identificar se esse processo é correto ou não. Tracy chama a atenção que os erros derivam, muitas vezes, de fazermos operações intelectuais sem nos darmos conta delas; daí que seja tão importante elevar os elementos de nossa constituição intelectual à consciência; precisamos ter claro para nós mesmos o que significa pensar e o que significa *bem pensar*; de onde vêm nossas ideias, como fazemos nossos juízos e quais juízos estão efetivamente corretos. Precisamos ter um critério que nos permita julgar, e esse critério é, do ponto de vista metafísico, isto é, ideológico e fisiológico, a verdade (dos fatos); e do ponto de vista metodológico, a não contradição. Em última análise, Tracy mostra como todo o edifício político, moral e cultural repousa no conhecimento de si e dos outros. Para compreender a nossa natureza, não precisamos postular faculdades ou intuições especiais, apenas *observar*. A observação é a porta para a descoberta de nós mesmos e do mundo; a memória permite-nos guardar sensações e experiências; o juízo permite-nos comparar

sensações e com isso construir conhecimentos; a vontade precisa ser dirigida pelo desejo que não entre em contradição consigo mesmo.

Tracy era um homem que harmonizava o senso comum com o extraordinário domínio de si; humilde na sua abordagem, sua pretensão era a maior possível: criar as bases universais de todas as ciências, iluminar a verdade, corrigir o erro e avançar no aperfeiçoamento individual e coletivo. Ele aprendeu, como aliás todos aqueles que se comprometem com a verdade, que a verdade tem um custo elevado, pois ela é geralmente sacrificada em nome de projetos de poder - isso fica visível quando percebemos o abismo entre a proposta da *École Normale*, sua implementação e seu fim; ou quando percebemos a campanha difamatória levada a cabo por Napoleão contra os ideólogos²⁵; ou ainda quando, diante da história das ideias e da filosofia política, percebemos a ausência de Tracy nos manuais de filosofia e o silêncio sobre o autor nas obras dos filósofos que lhe sucederam. Resgatando Tracy, ganhamos uma nova perspectiva que nos permite retomar a questão da verdade e identificar os erros que, em grande parte, têm alimentado a tradição filosófica dos últimos duzentos anos. Resgatando Tracy, conseguimos também ganhar instrumentos valiosos para uma auto-crítica (e não deveria toda a filosofia passar pela auto-crítica?), e ver como aquilo que ele identificava como errado e falso se consolidou como exemplo de prática filosófica (como por exemplo Kant, Hegel e Marx); como a observação e a busca de rigor na compreensão de nosso pensamento e do exercício de nossas faculdades foram convertidas, rapidamente, em discursos inflamatórios e reducionistas, como se a ciência das ideias fosse apenas um instrumento de poder. A adesão irrefletida e incoerente a discursos persuasivos que prometem o paraíso no mundo, representa a suspensão e o abandono daquilo que nos torna únicos: nossa faculdade de pensar, de inventar, de nos aperfeiçoarmos e de comunicarmos, através da linguagem, de modo universal. Por isso, na base da ideologia de Tracy, está a confiança na liberdade

²⁵ Atribuído a Napoleão: "« Des rêveurs, des phraseurs, des métaphysiciens bons à jeter à l'eau ». Après les avoir utilisés Bonaparte fut le grand responsable de la stigmatisation des idéologues. Dans Le Moniteur du 21 décembre 1812 il affirme : « C'est à l'idéologie, à cette ténébreuse métaphysique, qui, en recherchant avec subtilité les causes premières, veut sur ces bases fonder la législation des peuples au lieu d'appropriier les lois à la connaissance du cœur et aux leçons de l'histoire, qu'il faut attribuer tous les malheurs qu'a éprouvés notre belle France ». Em Tiran, 2020, p.21.

humana e é essa confiança que precisa, em última análise ser resgatada e restabelecida.

Referências

- BOYER, Henry. "L'unilinguisme français contre le changement sociolinguistique, em Travaux neuchâtelois de linguistique, 2001, 34/35, 383-392
- CONDILLAC, Etienne Bonnot De. Traité des sensations. Augmenté de l'extrait raisonné du Traité des sensations. In: *Œuvres de Condillac, revues et corrigées par l'auteur*. Paris: Ch. Houel, 1798.
- DESTUTT DE TRACY, Antoine-Louis-Claude. "Mémoire sur la Faculté de penser". In: *Mémoires de l'Institut national des sciences et arts, Classe de Sciences morales et politiques, 1* : 324-26. Paris : Baudouin, an VI.
- _____. *Éléments d'idéologie. Idéologie proprement dite*. Paris: Mme V. Courcier, 1817.
- GUSDORF, Georges. *La conscience révolutionnaire: les idéologues*. Paris: Payot, 1978.
- JAURÈS, Jean Jaurès. *Histoire socialiste*. Paris: Rouff, 1901-1902
- KENNEDY, Emmett. *A Philosopher in the Age of revolution*. Destutt de Tracy and the Origins of 'Ideology'. Philadelphia: The American Philosophical Society, 1978.
- MORAVIA, Sergio. Dall'"Homme-machine" all'"Homme sensible". Meccanismo, animismo e vitalismo nel secolo XVIII. *Belfagor* 29, n° 6, (1974) : 633-647.
- MORAVIA, Sergio. *Il pensiero degli Idéologues*. Firenze : La nuova Italia, 1974.
- PICAVET, Fr. *Les Idéologues - Essai sur l'histoire des idées et des théories scientifiques, philosophiques, religieuses, etc en France depuis 1789*, 1891.
- TIRAN, André. Les idéologues, la Décade philosophique politique et littéraire et Jean Baptiste Say, *Journal of Interdisciplinary History of Ideas* 9 (2020), 17, p. 4:1-4:58.
- WARMAN, Caroline. *The Atheist's Bible: Diderot's Éléments de physiologie*. Cambridge: Open Book Publishers, 2020.